

O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NO ESPAÇO ESCOLAR

Lidia Marques da Silva¹
Gerlaine Cristina Silva Franco²
Deborah Amorim Noberto Pinto³
Maria Aurislane Carneiro da Silva⁴

RESUMO

O presente artigo busca apresentar as reflexões sobre o papel da escola na construção de identidades culturais estabelecidas a partir das relações aluno-conteúdo-realidade, tendo como base a pesquisa produzida durante o cumprimento do estágio curricular supervisionado em Geografia I. Este estágio, realizado em uma escola Municipal, localizada no bairro Pirambu- Fortaleza/CE, propõe por meio da pesquisa analisar o espaço escolar em suas vertentes históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais, promovendo a formação do professor pesquisador, crítico e reflexivo. O ensino de Geografia, neste espaço escolar, pode conduzir caminhos para promoção do respeito e da valorização cultural dos alunos ou reforçar situações de exclusão e alimentação de estereótipos, cabendo ao professor mediar as relações entre os conteúdos e as vivências dos sujeitos aqui presentes. Assim, por meio de observações, aplicação de questionários, de entrevistas e atividades práticas a pesquisa se desenvolveu analisando o espaço escolar e as aulas de Geografia da referida escola. Desse modo, foi possível perceber que mesmo com a diversidade de temáticas, as aulas mostraram um distanciamento do contexto sociocultural dos alunos, fragmentando a aprendizagem dos conhecimentos geográficos e dificultando a (re) afirmação das identidades culturais destes sujeitos. Esta situação foi reforçada pela ausência de iniciativas voltadas à inclusão social e a propagação da tolerância no espaço escolar, mostrando a necessidade de ações coletivas desenvolvidas entre professores, alunos, gestão escolar e comunidade em geral.

Palavras-chave: Estágio, Ensino de Geografia, Espaço escolar, Cultura, Identidade.

INTRODUÇÃO

Compondo o currículo do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará, os Estágios Curriculares Supervisionados em Geografia preveem para o licenciando, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico do curso de Geografia (2011), uma compreensão da prática em estreita interação com a teoria na produção do conhecimento. Desta forma, o estágio foge de uma educação mecanicista e se concebe como pesquisa no espaço escolar. Para Pimenta e Lima (2012), o estágio como pesquisa se torna essencial na formação de professores ao ampliar a análise do contexto escolar, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, lidiammsilva@hotmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, gerlainesilva0@gmail.com;

³ Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, deborahnoberto@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Bacharelado em Geografia e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, aurislanemcsilva@gmail.com;

ações que permitam ao estagiário pesquisador compreender e problematizar as situações que observam.

Desse modo, o estágio é mais que um momento de pura observação que resulta ao final no apontamento apenas dos desvios e falhas da escola, professores e gestão escolar, mas se traduz na formação do que Pimenta e Lima (2012) chamam de professor pesquisador, crítico e reflexivo. Reflexivo sobre a ação docente dentro e fora do espaço escolar e crítico perante as questões sociais, econômicas, políticas e culturais que envolvem a escola e a educação como um todo.

Seguindo esta perspectiva e assumindo a postura da professora pesquisadora crítica e reflexiva, a presente pesquisa se desenvolveu durante o componente Estágio curricular supervisionado em Geografia I, realizado em uma Escola Municipal, localizada no bairro Pirambu- Fortaleza/CE e se propôs a analisar o espaço escolar dentre suas amplas questões, ao objetivar entender o papel da escola na construção de identidades culturais estabelecidas nas relações aluno-conteúdo-realidade, enfatizando a importância de se aliar o conteúdo de Geografia à cultura dos alunos. Assim, se fez necessário compreender que a dinâmica do espaço escolar não acontece de forma inconsciente, mas sim do resultado do trabalho físico e mental de uma coletividade de sujeitos que tem como objetivo educar indivíduos. Por isso, é essencial que este trabalho leve em consideração a realidade em que os alunos estão inseridos, a fim de promover o enriquecimento intelectual e social desses sujeitos de forma completa.

A escola, *locus* desta pesquisa, está inserida em um bairro da periferia do município de Fortaleza, o Pirambu. Segundo o Censo de 2010 do IBGE (falta colocar nas referências), o bairro corresponde ao maior aglomerado do Estado do Ceará e o 7º do país, com população estimada em 42.878 pessoas. Localizado no litoral oeste de Fortaleza, o bairro inicialmente foi ocupado por pescadores e posteriormente abrigou vários imigrantes advindos da grande seca de 1932 (BRASIL; CAVALCANTI, 2015). Estas características somadas a falta de infraestrutura e de assistência municipal, transformaram esta área em um espaço de vulnerabilidade social, marcado pela pobreza, pela violência e pelas habitações irregulares. Habitações estas, que foram objeto de históricas lutas sociais pelo direito à moradia. Atualmente as fragilidades sociais descritas, se refletem e influenciam a qualidade de vida da comunidade, em que poucas famílias ainda vivem da pesca, e ainda desenvolvem atividades de lazer na faixa de praia. No entanto, além das dificuldades, o bairro também é espaço de cultura

e representação popular, características que necessitam ser valorizadas na construção da identidade sociocultural da comunidade.

Neste contexto, a escola tem consigo uma grande responsabilidade na formação cidadã dos seus alunos, visto que, muitos de seus estudantes possuem acesso deficitário a diversos mecanismos sociais como: assistência hospitalar, transporte de qualidade e espaços de ensino, recreação e produção cultural. Fatores que facilitam o avanço do tráfico de drogas e da violência na comunidade. Assim, diante desta situação a escola se apresenta, muitas vezes, como espaço de acolhimento físico, intelectual e social para os alunos, embora marcas destes problemas possam ser percebidas no espaço escolar.

O espaço escolar é, portanto, reflexo da comunidade, considerando que grande parte dos alunos residem nas redondezas, estes sujeitos são “amostras” do bairro em que a escola está inserida. A dinâmica entre a escola e a comunidade engloba uma carga de relações sociais e culturais a partir das vivências de seus agentes, por este motivo a escola está intimamente ligada aos valores culturais do bairro, se fazendo cada vez mais necessário, a articulação entre aspectos da realidade do aluno com os conteúdos sistematizados dados em sala de aula.

Nessa perspectiva de associação entre ensino e realidade dos educandos, o autor Libâneo (2011) salienta a importância que a escola tem em reduzir a distância entre a ciência, que está cada vez mais complexa, e a cultura que se concebe no dia a dia e na escola. Por este motivo torna-se imprescindível um ensino que trabalhe com a identidade cultural dos alunos e com a valorização das vivências na construção do conhecimento.

Cientes desta necessidade, a escolha desta temática parte dos problemas pelos quais muitas escolas brasileiras passam: aulas que abordam temas diversos, mas que se distanciam das vivências dos alunos; a preocupação em “passar os alunos de ano” sem focar em uma formação que valorize a identidade cultural da comunidade; dificuldade com a estrutura física da escola e desvalorização do trabalho docente. Inquirições que precisam ser solucionadas, para que haja um fortalecimento dos sujeitos escolares como grupo e incentivar a ação educacional ativa no lugar em que vivem.

Acreditamos que o ensino de Geografia no espaço escolar pode conduzir à caminhos de promoção do respeito e da valorização cultural dos alunos, como também, seguindo uma lógica inversa, reforçar situações de exclusão e alimentação de estereótipos. Dessa forma, atentando para o ensino de Geografia e suas finalidades, cabe ao professor mediar as relações entre os conteúdos e as vivências dos sujeitos ali presentes de forma a proporcionar uma aprendizagem significativa, com elementos que proporcionam uma formação crítica e

reflexiva do contexto socioespacial vivenciado pelos alunos e desconstruindo padrões hegemônicos de uma Geografia tradicional.

Com base nestas reflexões, a pesquisa procurou responder às seguintes questões: Como os alunos de fato se relacionam e entendem o seu bairro? A escola está promovendo a valorização da cultura local dos seus sujeitos? Que atividades estão sendo realizadas para o fortalecimento da identidade cultural dos alunos? O ensino de Geografia está alinhado a cultura da comunidade e as experiências dos alunos?

Para responder estas questões a presente pesquisa apresentará neste artigo em quatro seções, a partir desta introdução, os desafios, as discussões e reflexões sobre a importância da valorização da cultura na formação cidadã dos alunos, a fim ressaltar para estudantes, professores e comunidade científica a relevância da valorização das vivências na construção do conhecimento científico e popular, bem como, na história e valores culturais do bairro Pirambu.

PASSOS METODOLÓGICOS: CONHECENDO O ESPAÇO ESCOLAR E OS SEUS SUJEITOS

Os passos metodológicos desta pesquisa seguiram uma abordagem qualitativa, privilegiando, com base em Trivinos (1928), os aspectos conscienciais, subjetivos dos atores percepções, processos de conscientização, de compreensão do contexto cultural da realidade histórica e de relevância dos fenômenos pelos significados que eles têm para os sujeitos. Se concebendo a partir de uma pesquisa participante, ao qual Severino (2007) caracteriza como aquela em que o pesquisador se aproxima dos sujeitos pesquisados com o intuito de partilhar das suas vivências.

Tendo como base a abordagem qualitativa, traçamos um percurso metodológico. Assim, como um primeiro passo desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (2010), é enfatizada como fonte fundamental para entendimento do tema estudado. Elencamos como fontes secundárias obras que tratam sobre Ensino de Geografia, culturas e identidades e relações estabelecidas no espaço escolar. Uma pesquisa documental foi feita e dentre os documentos analisados ressaltamos o Projeto Político Pedagógico da escola investigada.

Para coleta de dados primários, visitas as escolas foram feitas. Durante este período de pesquisa de campo, foram feitas observações, entrevistas na modalidade semi estruturada e não diretiva, aplicação de questionários e intervenções no espaço escolar, a fim de articular e

contrapor a informações formalizadas nos documentos oficiais perante a realidade vivenciada, fortalecendo a compreensão das questões pesquisadas na escola.

As observações feitas, se deram de forma sistemática e participante, com o intuito de analisar como a gestão escolar e os professores de Geografia (PDG) trabalham com a questão da identidade cultural e se de alguma forma a experiência dos alunos é válida na construção dos conhecimentos. Assim, as observações foram direcionadas as aulas de Geografia com as turmas finais do ensino fundamental a fim de perceber as relações estabelecidas no espaço escolar como um todo. Além das informações colhidas pelo olhar investigativo do pesquisador, como afirma Godoy (1995), as vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa são essenciais para a construção real do “objeto de estudo” investigado, se fazendo necessário destacar nestes passos metodológicos como elas foram concebidas.

Desse modo, foram realizadas entrevistas com a professora de Geografia e um representante da gestão escolar. A entrevista "consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidelidade e validade de certo ato social como a conversação" (Id. Ibid, p.196 apud Goode e Hatt 1969, p.237) e por isso a escolha de uma entrevista despadronizada, a partir de pontos de discussões, possibilitou que os entrevistados tivessem a liberdade na hora das respostas como em uma simples conversa. Já com os alunos foram aplicados questionários com perguntas abertas, facilitando a sistematização das impressões destes sujeitos sobre o espaço escolar e sobre o ensino de Geografia.

Após o levantamento e organização das informações coletadas com os sujeitos escolares citados, a colaboração para a realidade educacional pesquisada se deu a partir de uma atividade interventiva, realizada com as turmas de nonos anos da escola (9ºA/9ºB/9ºC/9ºD). A atividade se utilizou de mapas mentais construídos pelos alunos para promover um momento de reflexão sobre as suas relações culturais junto a escola e ao bairro, pois, como afirma Cavalcanti (2006, p.150 *apud* Nogueira 1994), o trabalho com os mapas mentais, tem por finalidade conhecer o nível de sua consciência espacial, ou seja, entender como os alunos percebem o lugar em que vivem. Sendo assim, os resultados destes passos metodológicos serão apresentado e discutidos nas próximas seções.

CONSTRUÇÃO E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL

Cavalcanti (2006) considera a vivência dos alunos como dimensão do conhecimento, de modo que, a partir do confronto da dimensão do vivido com o concebido socialmente se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão da realidade. O saber

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

cotidiano do aluno será de fundamental importância para a construção da pesquisa, visto que a presença de sua identidade cultural faz parte da sua formação como cidadão.

Em sua acepção sociológica a “cultura se refere à totalidade daquilo que os indivíduos aprendem, enquanto membros de uma sociedade; é um modo de vida, de pensamento, de ação e de sentimento” (NIDELCOFF, 1994, p.33 *apud* ELY CHINOY, 1962, p.26). Assim, a cultura envolve a linguagem, aspectos como valores, crenças, costumes, práticas cotidianas como a forma de se preparar um alimento e de se vestir, dentre outros aspectos. São um conjunto de saberes e hábitos que o indivíduo adquire a partir da sua convivência, enquanto ser social integrante de uma comunidade.

A identidade é construída ao longo do tempo, tanto individualmente quanto coletivamente a partir dos relacionamentos entre as pessoas e dos grupos nas diversas situações que experienciam e, nessa dinâmica as diferenças aparecem entre indivíduos ou grupos, fazendo assim, com que esses indivíduos reconheçam suas identidades. Portanto, a identidade “se constrói pela história de grupos, comunidades e países, pelos elementos, costumes, técnicas próprias que são produzidas em cada lugar, por exemplo, como se planta, como se colhe, como se pesca, como se cria os filhos, como se come, como se fala.” (DOURADO, VARGAS E SANTOS, 2015, p.8).

Neste sentido, se a identidade é construída, não se pode desconsiderar que seus alicerces sempre estão em constante mudança. Influenciam na sua construção fatores passados, mas também modernos. A escola é o reflexo desta construção de identidade e de culturas, sejam elas produzidas fora ou dentro do espaço escolar, fato que influenciam as relações sociais e culturais da escola, gerando possíveis tensões e conflitos entre os sujeitos escolares (CANDAU, 2008). Cientes desta pluralidade cultural esta pesquisa buscou nas vozes dos seus principais sujeitos escolares (aluno- professor- gestão escolar) perceber como estas culturas e identidades estão sendo trabalhadas no nosso *lócus* de estudo, considerando as observações e os relatos apresentados nas entrevistas e questionários aplicados.

A entrevista feita com a gestão escolar (representada pela coordenadora pedagógica) possuía tópicos relacionados direta e indiretamente a aspectos da cultura. Segundo a coordenadora a escola não possui nenhum projeto atualmente ligado à valorização da cultura da comunidade do Pirambu e os que existiram foram todos organizados pela professora de Geografia e de Português, com pouca interferência da gestão escolar. Para a coordenadora o objetivo principal da escola é combater a violência que os alunos reproduzem dentro e fora do âmbito escolar, deixando assim, em segundo plano projetos que proporcionem um conhecimento dos demais aspectos da realidade no bairro Pirambu, e que poderiam vir a

fortalecer a construção da identidade cultural dos sujeitos que se apropriam daquele espaço. A fala da coordenadora destoa do que está escrito no próprio Projeto Político Pedagógico da escola, de que um dos seus maiores objetivos é:

Utilizar os conhecimentos sobre a realidade econômica; cultural, política e social, para compreender o contexto em que está inserida a prática educativa, explicando as relações entre o meio social e a educação e comprometendo-se com a transformação dessa realidade (CEARÁ, 2015)

Acreditamos que a escola deve sim se preocupar com a violência que tem se expandido em diferentes metrópoles nacionais e que chega a realidade dos educandos, todavia, acreditamos que trabalhar projetos sobre a cultura existente no bairro Pirambu, proporcionaria inúmeras reflexões sobre a realidade socioespacial que os alunos experienciam e poderia alcançar resultados mais amplos e efetivos, no que tange aos aspectos ligados à violência por exemplo.

A construção de projetos que valorizam aspectos da cultura e que propiciam uma formação de sujeitos capazes de entender e transformar a sua realidade poderia auxiliar a escola com as dificuldades em produzir e participar de projetos que contribuam para a formação social completa dos seus alunos apontadas pela coordenadora da escola. É impossível em nosso entendimento transformar alguma realidade sem a promoção de atividades coletivas de aprendizagem cultural e de valores humanos como respeito, tolerância dentre outras amplas discussões que envolvem o cotidiano dos alunos.

A entrevista com a Professora de Geografia foi extremamente impactante, tendo em vista que embora a professora resida em um bairro vizinho (Carlito Pamplona), a mesma não conhece a história do bairro em que atua. Segundo ela isso ocorre pela falta de tempo para se dedicar a sua própria formação, visto que, muitas vezes, os professores se obrigam a atuarem em várias escolas distantes de sua realidade/vivência para garantirem uma melhor condição salarial, resultando em um maior distanciamento da realidade dos seus alunos e do bairro onde a escola está inserida. Além disso, segundo a professora o trabalho:

Na maioria das vezes é feito à revelia. Muitas vezes nós professores deixamos de levar a frente algum projeto por falta de incentivo ou por problemas alheios à nossa vontade. Veja bem, existem as gangues e um certo "ar de violência" sobre todos. Fizemos um projeto sobre a paz e uma das ações era promover uma passeata pelas ruas do bairro. Mas fomos barrados pelo medo, onde os próprios alunos declararam que não teriam coragem de fazer isso. Então, são muitas barreiras e dificuldades advindas da própria comunidade. (PDG, 2018)

A fala da professora denota um problema seríssimo que a comunidade enfrenta com a violência e que se reverbera na escola. A pesquisa com o intuito de entender a abordagem

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

feita pela escola na construção e fortalecimento dos aspectos identitários e culturais dos alunos se depara com a cultura da violência, que se destaca em todas as falas dos sujeitos escolares, desde os alunos, até professores e gestores.

De forma a entendermos a realidade da escola investigada de maneira ainda mais completa, acreditamos ser demasiadamente importante a participação dos alunos. Como já explicitado em nossa metodologia, aplicamos um questionário com os alunos com temas diversos. Nas primeiras perguntas tratamos sobre as relações de afetividade deles com o bairro e o lugar que mais gostavam, sendo assim, as respostas refletem o quanto gostam de seu bairro e apontam os diferentes lugares que preferem, que vão desde à praia, a sorveteria, a pizzaria e com destaque em todas as falas o calçadão da vila do mar e a areninha. Esses resultados foram externados na intervenção que teve ligação direta com essas perguntas. A segunda parte do questionário teve o intuito de saber o que os alunos entendiam por cultura e se o Pirambu tinha uma cultura urbana e identitária. A resposta dos alunos em sua grande maioria foi que “não”, “O Bairro Pirambu não tem cultura”, pois para muitos, a cultura são músicas “chicks” e “coisas que estão longe” além de muitos alunos mencionarem que não conhecem a história do bairro.

As respostas dos alunos representam a falta de entendimento e valorização da identidade e cultura urbana presente no bairro Pirambu, que se reflete em outros bairros de periferias nas metrópoles do país. Isso acontece, pois o próprio entendimento do que seja cultura ainda está ligado a aspectos característicos de grupos hegemônicos, que tende a desvalorizar e estigmatizar o que não os representa, que forja padrões estéticos-imaginários-emocionais, se estendendo ao âmbito do ensino e dos sujeitos escolares.

O ensino de geografia por muito tempo representou uma disciplina do decoreba, mas com todos os avanços nas pesquisas sobre educação e na própria ciência é possível vislumbrar uma geografia vivida por todos e não só a dos livros. Os sujeitos constroem os espaços, vivem os lugares, a geografia faz parte dos seres humanos. O espaço é o palco das experiências humanas. Pensar em um ensino de geografia plural é considerar o entrelaçamento dos estudos da ciência Geografia com as vivências geográficas dos alunos.

REPRESENTATIVIDADE IMPORTA

A intervenção (Figura 01) feita com as turmas do 9º ano consistiu na elaboração de um mapa mental, em que cada grupo desenharia os locais que mais gostavam no bairro a partir dos valores e atitudes de suas vivências e afetividades em seu cotidiano. O trabalho com os

mapas mentais construídos pelos alunos teve por finalidade conhecer os locais que os representam e forjam a sua identidade cultural.



Figura 01- Construção do mapa mental. Fonte: Acervo da autora, 2018.

A elaboração desse mapa mental, por mais simples que seja, possibilitou aos educandos fazerem reflexões a respeito de aspectos inerentes a sua identidade. Assim, durante a intervenção os alunos, por meio dos mapas mentais, trazem para a escola o seu dia a dia e não só a violência que tanto foi falada. O muro de estereótipos é quebrado quando alunos considerados problemáticos desenharam uma areninha, uma praça e mostram em uma cartolina que são mais do que a negatividade que é empurrada para eles. São crianças que brincam, passeiam no calçadão com seu cachorro, tomam banho de mar, andam de bicicleta, escutam funk, rap, reggae e amam os bailes da comunidade, são crianças que amam o salgado de 1 real e a sorveteria bola cheia, que amam a pizza de dez reais, amam as festas juninas que acontecem no bairro e os campeonatos de futebol. Vejam, a periferia vive e é (re)construída constantemente por esses meninos e meninas.

Foi notória a satisfação dos alunos com a atividade, em suas falas “finalmente algo legal e que a gente saiba”. Não se pode desconsiderar o aspecto conteudista do ensino, porém, para fortalecer a aprendizagem devem ser levados em conta os aspectos cotidianos dos alunos. Essa articulação, através de diferentes metodologias de ensino, resulta em uma formação cidadã

completa dos educandos, que levarão ensinamentos e reflexões para além do espaço formal de aprendizagem que é a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola enquanto espaço formal de aprendizagem reúne diferentes sujeitos, que trazem consigo experiências e identidades culturais diversas. Nessa perspectiva, é de suma importância que a comunidade escolar proponha projetos que valorizem a identidade e cultura dos educandos, a fim de proporcionar uma completa formação cidadã e uma aprendizagem cada vez mais significativa, ao aproximar o conteúdo à realidade dos educandos.

A Geografia, enquanto ciência que se preocupa com as relações sociais que se projetam e (re)produzem o espaço geográfico pode ser uma importante colaboradora em proporcionar a construção de saberes cada vez mais associados à realidade dos sujeitos. Sendo assim, a Geografia escolar pode – e deve – fazer com a sociedade e os sujeitos escolares sejam autônomos, democráticos e reflexivos.

Investigar a realidade escolar atrelada às questões de identidade e cultura, propicia uma compreensão profunda sobre os professores, os alunos e a gestão, e como esses se sentem representados na sociedade. Isso pode ser ainda mais eficaz em uma escola inserida em um bairro considerado periférico, haja vista demonstrar a importância da cultura urbana dos educandos que se apropriam de espaços menosprezados por segmentos sociais específicos.

A compreensão e valorização da cultura dos sujeitos escolares na Escola Municipal localizada no bairro Pirambu, em Fortaleza/CE é ponto base para uma desconstrução de padrões hegemônicos, demonstrando a representatividade dos sujeitos, o potencial crítico e reflexivo desses, que pode vir a resultar em transformações na realidade socioespacial no bairro no qual estão inseridos.

Dessa forma, as ações coletivas e projetos interdisciplinares, que estimulam a valorização das identidades culturais, propagam a tolerância e fortalecem a inclusão social são práticas que devem ser impulsionadas/fortalecidas. A Geografia escolar ao proporcionar uma aprendizagem significativa aos educandos colabora para que a escola, sujeita às influências externas (GUIDOTTI, 2014), se apresente como um espaço democrático preocupado com a formação de indivíduos que respeitem a diversidade do mundo e que conheçam a si mesmos e o lugar em que vivem.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Amíria Bezerra; CAVALCANTI, Emanuel Ramos. Daqui não saio, daqui ninguém me tira: trajetória de resistências do grande Pirambu, Fortaleza (CE). In: XVI ENANPUR: Espaço, Planejamento e Insurgências, Belo Horizonte, 2015.

BRASIL. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Geografia (Licenciatura).

CAVALCANTI, Lana De Souza. Geografia, escola e construção de conhecimento. 9 ed. Campinas: Papirus editora, 2006. p.192.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para prática pedagógica. In: Moreira, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.

CEARÁ. Projeto político-pedagógico da Escola. 2015.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GUIDOTTI, Vitor Hugo Rinaldini. A influência da religião nas escolas: breve contraste entre o Fato Social de Durkheim e Ação Social de Weber como aporte metodológico. Revista Café com Sociologia, v. 3, n. 3, p. 107-123, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez editora, 2011. 75 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

NIDELCOFF, María Teresa. Uma escola para o povo. Tradução de João Silveiro Trevisan. 37 ed. São paulo: Editora Brasiliense S.A, 1994. 103 p.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007. p.98-126

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução na pesquisa social : a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas 1978, 1928. 175 p.

VARGAS, Maria Augusta Mundim; SANTOS, Rodrigo Herles; DOURADO, Auceia Matos. Patrimônio e Identidade: Nossas Referências. Aracaju: Editora. Diário Oficial do Estado de Sergipe- EDISE, 2015. 40p.: il.; 21cm.